

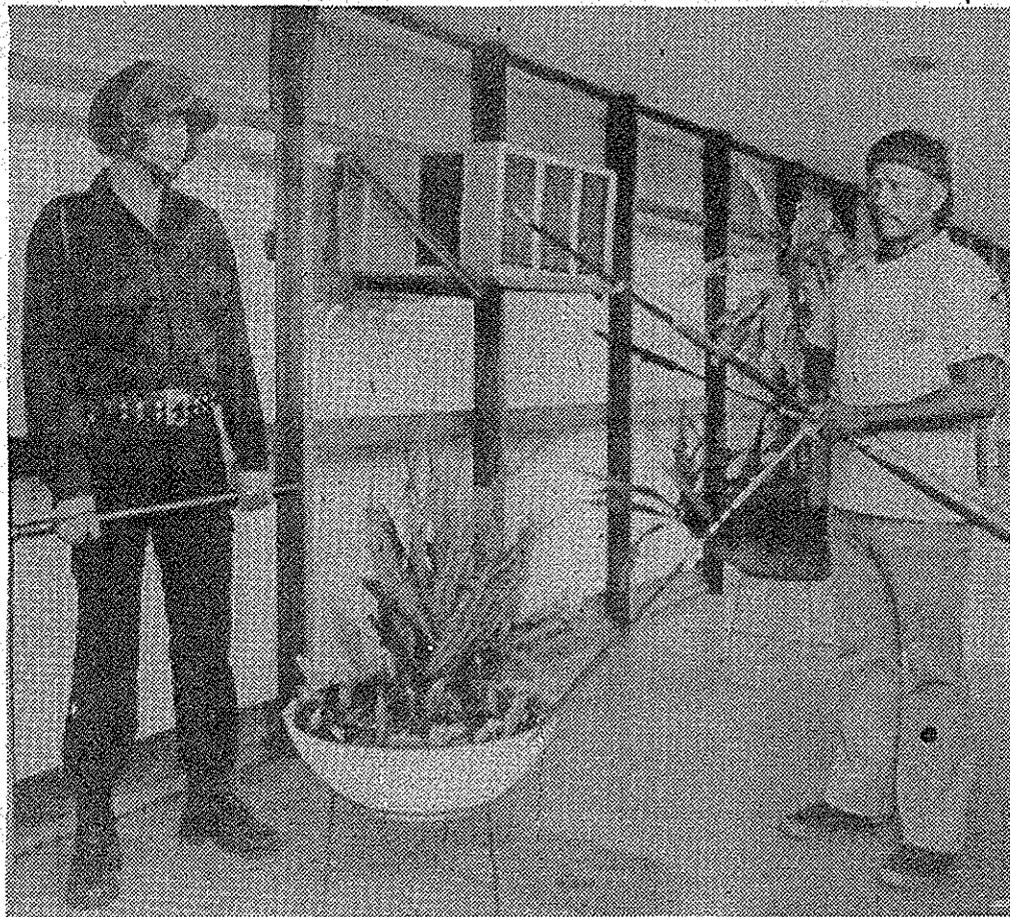
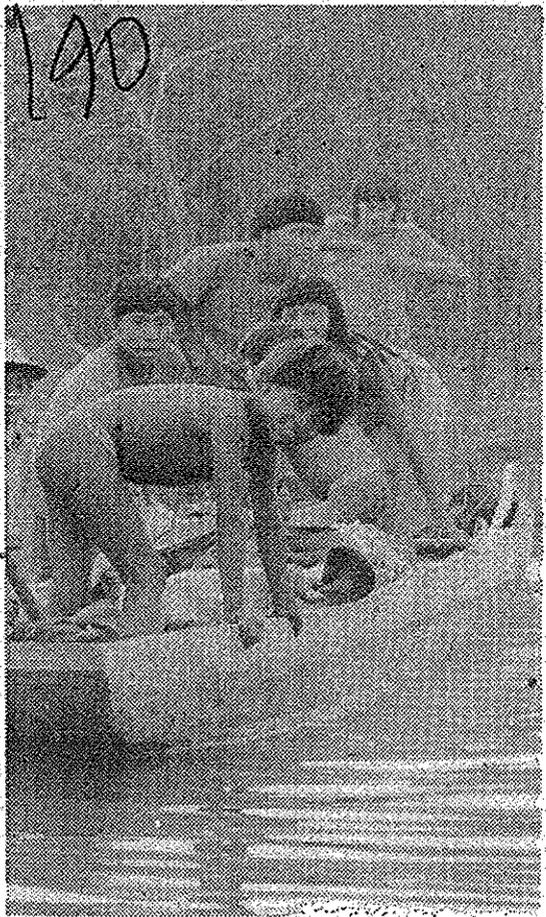
## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 293

Data: 28 de abril de 1985

Pg.: \_\_\_\_\_



FOTOS DE ARQUIVO

*Expulsos do paraíso, os índios descobriram na abertura política do Governo Figueiredo a sua nova força*

# Os índios vão à luta com "lobby" e tudo

Brasília — Os índios contra-atacam. Depois de 500 anos, submetidos à exploração e ao extermínio, descobriram que têm, pelo menos, poder político. Resultado: conseguiram algumas vitórias nos conflitos de terra e na exoneração de presidentes da Funai. Mudaram seis no governo Figueiredo. E dois já caíram na Nova República. Gerson Alves, recém-empossado, espera não ser o terceiro.

Ironicamente, o lobby indígena começou a tomar forma justamente a partir da atuação de quem mais ajudou a desfigurar a cultura dos índios: a Igreja. Com a atuação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), em 1972, os caciques redescobrem seu poder. D. Tomas Balduino, Bispo de Goiás Velho, organiza as assembleias de caciques e os índios percebem que, unidos, tinham força. Era só o começo.

### Gravador de Juruna

Em 1976, chega a Brasília um cacique xavante carregando um instrumento bizarro para um "selvagem". Quem apostou no folclore do gravador de Mário Juruna e subestimou sua inteligência se deu mal. Em 1980, um grupo de 15 estudantes índios, hospedados na Casa do Ceará, em Brasília, se rebelou contra o Coronel Zanonne, então o diretor do Departamento de Ensino da Funai. Zanonne ordenara que eles voltassem para as suas aldeias.

Liderada pelo estudante Marcos Terena, pelo carajá Idjarruri, pelo bakairi Taukane, o bororo Paulinho, o terena Davi e muitos outros, nascia uma nova corrente de resistência indígena. Desta vez, com a força e a autenticidade de jovens líderes, indepen-

dentos, que fundaram a União das Nações Indígenas (Unind), surpreendendo a própria Igreja, empenhada em preparar novas lideranças.

A esta altura, a Funai percebeu que os índios não eram mais os mesmos. Sentindo-se ameaçados, alguns delegados regionais começaram a se movimentar, atraindo alguns grupos indígenas através de favorecimentos pessoais. A manipulação tinha o objetivo de desestabilizar o prestígio do cacique que se tornava nacionalmente popular: Mário Juruna.

Mas, se Mário Juruna se desviou, missionários progressistas, antropólogos e indigenistas esquerdistas continuaram engajados nos movimentos de resistência, mais como posicionamento político em defesa de "povos oprimidos" do que com a tradicional preocupação de aculturação. Com esse respaldo e com a atuação do grupo jovem de líderes independentes (comandado por Marcos Terena, ex-chefe de gabinete da presidência da Funai e atualmente assessor para assuntos indígenas do Ministro da Cultura, José Aparecido), os índios conseguiram se organizar.

### Matar e morrer

Ao primeiro comunicado de um problema em qualquer área, todos os líderes são avisados através de rádio e se mobilizam. Com a retaguarda coberta pelos defensores da causa indígena, ganharam o chamado apoio logístico, no que se refere à divulgação dos fatos. Antes, as notícias corriam com a versão oficial da Funai e de autoridades governamentais. Com os novos aliados, os índios conquistaram a

simpatia da opinião pública, que deixou de vê-los como "selvagens", passando a encará-los como pessoas desfavorecidas. E mais, a opinião pública descobre afinidades entre a luta indígena e a luta de todos os segmentos oprimidos da sociedade. As frustrações das classes descontentes são projetadas na capacidade de guerra (mesmo com arco, flecha e borduna) dos índios, que levam suas questões até as últimas consequências. Sabe-se que são capazes, de fato, de matar e morrer.

O poder dos indígenas ficou tão forte, que as lideranças partidárias dos caraibas passaram a disputar a presidência da Funai. O PMDB apoiava o nome de Modesto da Silveira. O PFL, através de Jorge Bornhausen, indicava Álvaro Reinaldo — reitor da Universidade de Santa Catarina. Até que entrou o Senador Humberto Lucena, com o nome de um ex-funcionário da Sudeco, Walter Coutinho. Entidades ligadas à questão indígena, que se diziam respaldadas pelo Senador Fernando Henrique Cardoso, lançaram os nomes do antropólogo Olympio Serra e do advogado Carlos Mares, da Comissão Pró-Índio.

O grupo de Marcos Terena não tinha candidato, achava mais político que o novo presidente da Funai fosse escolhido pelo Presidente Tancredo Neves. Com a doença do "grande chefe", esse grupo indígena teve o dissabor de ver a nomeação de Ayrton Carneiro, candidato dos fazendeiros na região caueira, dos pataxó, para presidente da Funai — um candidato de Antônio Carlos Magalhães, segundo uma fonte da própria Funai. Mas a força de resistência venceu, fazendo com que, menos de 24 horas depois de indicado, Ayrton Carneiro pedisse a própria exoneração.